

## ATIVISMO DIGITAL BISSEXUAL A PARTIR DO INSTAGRAM: PERSPECTIVAS E PERAMBULAÇÕES

### **Danieli Klidzio**

*Mestranda em Ciências Sociais pela Univesidade Federal de Santa Maria – UFSM – bolsista CAPES, danieli.klidzio@gmail.com.*

### **Monalisa Dias de Siqueira**

*Orientadora – Doutora em Antropologia Social pela Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFSM, monalisadias@gmail.com.*

### **Resumo**

Tendo o ativismo digital bissexual como tema, este trabalho integra reflexões prévias da pesquisa de mestrado da primeira autora e aborda as possibilidades de ativismo a partir de perfis no Instagram. Enfocamos a relação da bissexualidade com as mídias digitais levando em consideração o compartilhamento de experiências, a comunicação acadêmica e a organização de coletivos e ações como a Frente Bissexual Brasileira, criada em 2020 no contexto pandêmico e com articulação nacional. Com princípios da Antropologia Digital, tendo a etnografia como base, por meio da observação participante são analisados três perfis: @binamidia, @nao\_esoumafase e @visibilidadebissexual. O objetivo é compreender enquadramentos da produção de conteúdo sobre a bissexualidade no Instagram em um movimento de construção de ambientes de visibilidades bissexuais, pensando o ativismo nas mídias digitais como promovedor de discussões descentralizadas e enquanto uma alternativa de espaços de apoio e acolhimento entre pares. Em decorrência do monossexismo, a construção de espaços bissexuais em meio a sociedade em geral e também em relação à comunidade LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, *queers*, intersexuais,

assexuais, pansexuais e outras) é circunscrita em uma esfera de tensionamentos por conta do apagamento da bissexualidade em função do binarismo da sexualidade: heterossexualidade e homossexualidade. Buscando avançar nessa discussão, a continuidade entre os contextos on-line e off-line permite pensar na produção de conteúdo nas mídias digitais como construção de sentidos e visibilidades, tanto no âmbito público dos movimentos bissexuais brasileiros quanto dos sujeitos em sua intimidade.

**Palavras-chave:** Bissexualidade, Visibilidade bissexual, Monodissidência, Ativismo LGBTQIAP+, Mídias digitais.

## Introdução

Este trabalho caracteriza-se como em desenvolvimento<sup>1</sup> e se insere no tema da bissexualidade, com foco em produções de visibilidades pelo ativismo digital. Objetivamos analisar como as mídias digitais, especialmente redes sociais como o Instagram, configuram-se como campo de produções e comunicações ativistas, considerando as produções de conteúdo sobre bissexualidade e organizações a nível nacional de ativistas e de pessoas pesquisadoras em torno da monodissidência. Para isso, relacionamos as reflexões teóricas com uma breve contextualização de três perfis no Instagram que se dedicam a produzir conteúdo sobre a bissexualidade, são eles: @binamidia<sup>2</sup>, @nao\_esoumafase<sup>3</sup> e @visibilidadebissexual<sup>4</sup>. Sobre a metodologia, esta é uma pesquisa etnográfica, na qual foi realizada observação participante na referida plataforma por meio de um perfil de pesquisadora da primeira autora.

A ideia desta abordagem parte da percepção de uma intensificação e transformação dos usos do Instagram, principalmente no início da pandemia da Covid-19, em Março de 2020, bem como das atividades remotas em nosso meio, a exemplo de aulas e formações acadêmicas. Para além disso, observamos usos massivos especialmente do Instagram para *lives*<sup>5</sup> e comunicações ativistas e independentes sobre os mais diversos temas, dentre eles, a bissexualidade. Em meio a isso, nos colocamos a mapear e conhecer perfis que buscam informar e que demonstram como intenção produzir visibilidades ao tratar especificamente da bissexualidade. Além dos três perfis aqui mencionados, em 2020 foi construída a Frente Bissexual Brasileira, enquanto uma organização de coletivos bissexuais e ativistas independentes, cuja

1 Integra reflexões prévias da dissertação de mestrado da primeira autora, orientada pela segunda autora.

2 Disponível em: <https://www.instagram.com/binamidia/> Acesso em: 15 maio 2021.

3 Disponível em: [https://www.instagram.com/nao\\_esoumafase/](https://www.instagram.com/nao_esoumafase/) Acesso em: 15 maio 2021.

4 Disponível em: <https://www.instagram.com/visibilidadebissexual/> Acesso em: 15 maio 2021.

5 *Lives* é como convencionalmente são chamadas as transmissões on-line ao vivo nas mídias digitais, como em perfis no Instagram e em canais no Youtube, por exemplo.

articulação e ações de relacionamento com o público em geral têm se dado também pelo Instagram. Assim, a organização da Frente, embora não seja o centro da observação neste trabalho, tem contribuído para a nossa análise sobre ativismo a partir das mídias digitais.

A seguir apresentamos considerações acerca da bissexualidade e do ativismo pela perspectiva da comunicação mediada pelo digital em explorações iniciais na pesquisa. Nossas discussões se organizam respectivamente em: metodologia, com o enfoque da Antropologia Digital; referencial teórico sobre as mídias digitais, a bissexualidade e o contínuo on/off-line; resultados e discussões acerca dos perfis analisados pensando bissexualidade e, por fim, as considerações finais.

## Metodologia

Com o objetivo de produzir uma análise relacional entre as formas de ativismos emergentes nas mídias digitais e a produção de visibilidades bissexuais a partir do Instagram, olhamos para três perfis selecionados (@binamidia, @nao\_esoumafase e @visibilidadebissexual) em uma pesquisa exploratória (GIL, 2008). Como mencionado anteriormente, vem sendo desenvolvida uma etnografia com a observação participante por meio de um perfil<sup>6</sup> de pesquisadora da primeira autora, a fim de facilitar a organização dos dados e a comunicação com os perfis. Buscamos reconhecer diferentes usos do Instagram pelos perfis de ativismo e de produção de conteúdo crítico sobre bissexualidade, bem como analisar o conteúdo produzido através do propósito descrito na biografia de cada um dos três perfis selecionados.

Em meio a etnografia nas mídias digitais como metodologia, conforme trazem as antropólogas Débora K. Leitão e Laura Graziela Gomes (2017), estamos em uma posição de levar a sério como campo de pesquisa o ambiente no qual é possível nos inserirmos. Assim, com a observação participante nos orientamos por atitudes de *perambulações*, *acompanhamentos* e *imersões* (LEITÃO; GOMES, 2017). Conforme as autoras, a perambulação significa explorar o campo, que no caso desta pesquisa, deu-se a partir de um perfil no Instagram criado pela primeira autora no dia 2 de março de 2021, especificamente para este fim. Com este perfil foram seguidos outros perfis que a autora

6 Disponível em: <https://www.instagram.com/danieli.klidzio> Acesso em: 15 maio 2021.

já conhecia desde as *lives* que ocorreram em 2020 e também por seu uso pessoal da plataforma, bem como foi utilizado o próprio campo de busca do Instagram e as hashtags com as palavras *bissexual* ou *bissexualidade*. Este foi o processo que nos possibilitou mapear, até início do mês de maio de 2021, cerca de 130 perfis, dentre eles o perfil da Frente Bissexual Brasileira (@frentebissexualbr) e os três perfis que recebem atenção especial para o desenvolvimento deste trabalho: @binamidia, @nao\_esoumafase e @visibilidabissexual. Tivemos como critério de seleção destes três perfis os seus nomes de usuários que remetem a uma perspectiva bissexual crítica. Os três possuem similaridade entre si no que diz respeito ao tipo de conteúdo produzido, no caso, posts com definições e dicas, que mesclam textos, figuras e até pequenos vídeos ou animações, mantendo com uma perspectiva de informação para além do entretenimento.

O processo de perambulação na pesquisa está ligado também a uma ação algorítmica da plataforma, que tem uma atuação ao sugerir perfis para seguir, identificados a partir de um mapeamento e gerenciamento sobre o nosso interesse com base em uma identidade algorítmica imposta (CHENEY-LIPPOLD, 2011). Ou ainda, relaciona-se a conteúdos sobre algum episódio ou assunto considerado polêmico envolvendo a bissexualidade que viraliza nas redes. Um exemplo aconteceu recentemente em relação ao programa da Rede Globo *Big Brother Brasil* edição 2021<sup>7</sup> envolvendo um caso de bifobia contra um participante, o que levou muitos perfis a tratarem especificamente do caso de maneira crítica.

Além da perambulação, a segunda atitude citada é a de acompanhamento e envolve um “deslizamento” (LEITÃO; GOMES, 2017, p.

---

7 Na edição do ano de 2021 do BBB, a bissexualidade tornou-se alvo de comentários na mídia hegemônica por conta de uma série de episódios de bifobia que envolviam xingamentos e questionamentos sobre a bissexualidade do participante Lucas Koka Penteadado, o que contribuiu para que o participante pedisse para sair, desistindo do programa. Embora isso pode ser visto como uma visibilidade sobre o tema no Brasil, foi um debate que gerou ampla indignação e violação do bem estar de pessoas bissexuais, pois teve como motivo uma demonstração de violências com as quais bissexuais se deparam cotidianamente. Por outro lado, apesar de termos como bissexualidade e bifobia serem amplamente comentados, ainda houve casos de nomeação dessas violências como homofobia, termo comumente entendido como supostamente universal para nomear violências contra pessoas da comunidade LGBTQIAP+. Isso gera um atrasamento para pautar a bissexualidade e suas especificidades enquanto identidade e sobre os preconceitos a ela relacionados.

56) para outras plataformas. O que consideramos tendo em vista as produções de conteúdo que podem estar relacionadas a outros sites, como é o caso de um dos perfis analisados que nos sugere um canal no Youtube a partir de um link na descrição da biografia. Por fim, há a atitude de imersão, que implica “examinar também sua condição no momento em que realiza seu trabalho de campo” (LEITÃO; GOMES, 2017, p. 57). Assim, neste trabalho, buscamos analisar os três perfis no Instagram considerando as formas de ativismo através das mídias digitais, em uma realidade cada vez mais conectada com as chamadas *Web 2.0* e *Web 3.0* (VAN DIJCK, 2016; CASTELLS, 2015), com uma diversidade de sites e aplicativos para o estabelecimento de relações, inclusive de sociabilidade a partir do pessoal (que é também político) em posts, perfis e conteúdos que podem ser caracterizados enquanto ambientes (GOMES; LEITÃO, 2017) ou espaços (MONACO, 2020a) na internet.

## Referencial teórico

Sobre as mídias digitais, podemos pensar em uma comunicação que, à primeira vista, pode parecer puramente emancipatória pois não se limita por localizações geográficas, no entanto, configura-se como parte de um agenciamento das plataformas a partir de nossa subjetividade com as bolhas algorítmicas (PARISER, 2012; RAMOS, 2019). Também é importante levarmos em consideração a intensificação de sociabilidades através das redes sociais no período pandêmico que estamos vivendo, principalmente por quem tem acesso a conexões estáveis de Internet e tem se mantido em casa o máximo possível.

Já sobre a bissexualidade, em decorrência do monossexismo – preconceito que deriva de um sentimento de aversão para com as sexualidades monodissidentes ou dissidentes da monossexualidade (JAEGER et al, 2019; MONACO, 2020a), ou seja, das sexualidades que possuem atração afetiva e/ou sexual direcionada a um gênero –, há a necessidade de construção de espaços bissexuais em meio a sociedade em geral e a comunidade LGBTQIAP+. A bissexualidade é perpassada por tensionamentos por conta do apagamento da monodissidência em função do binarismo heterossexualidade e homossexualidade. Uma das principais indicações das pesquisas brasileiras sobre bissexualidade é de que esta é permeada por mecanismos de apagamento

por conta de suas diferenças em relação às outras orientações sexuais, encontrando-se em situações de invisibilidade.

Buscando avançar nessa discussão sobre invisibilidade, com a compreensão de continuidade entre os contextos on-line e off-line (RAMOS, 2015) a produção de conteúdo nas mídias digitais pode ser analisada enquanto construção de sentidos e possíveis visibilidades. Tanto no âmbito público dos movimentos bissexuais brasileiros, quanto no âmbito privado dos sujeitos e seus usos em sua intimidade, há uma relação política com as mídias digitais considerando-se, inclusive, as intimidades como questões políticas. Assim, noções como a de ativismo como acolhimento (MONACO, 2020a) possibilitam pensar novas formas de ativismo como apoio e conscientização a partir da produção de conteúdo no Instagram, onde há um agenciamento das plataformas que, assim como os ambientes digitais, não são neutras, sendo partícipes na construção de uma identidade na medida em que nos convidam a determinadas formas de ação e experimentação.

## Resultados e discussão

Partindo para nossa análise, por ordem alfabética o primeiro perfil que trazemos é o @binamidia ou *BI NA MÍDIA* conforme o nome no Instagram. Construído por Talitta Cancio, estudante de Comunicação Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e pesquisadora do tema da representação bissexual na mídia. Este perfil se propõe a expandir discussões acadêmicas da idealizadora. Conforme consta na biografia do perfil, o foco é a “representação bissexual em séries, novelas, livros, filmes, jornais e mais!”. Seu nome de usuário e seu @ remetem a abordagens da bissexualidade na mídia em geral e na biografia está disponível um link que direciona o acesso a *lives* e trabalhos acadêmicos sobre bissexualidade e representatividade na mídia selecionados e realizadas por Talitta.

O @binamidia é um perfil relativamente novo, ao total tem 34 publicações no feed, sendo fácil encontrar a primeira publicação em formato de post, datada do dia 1 de Setembro de 2020, que é também o Mês da Visibilidade Bissexual. É comum que a primeira publicação apresente o propósito do perfil e quem está por trás dele, e nesse caso não é diferente. A publicação conta com duas imagens, uma apresentando sua identidade visual e outra apresentando mais detalhadamente, com texto e foto, a idealizadora do perfil. Já o texto de

descrição deste post de apresentação do @binamidia tem a seguinte chamada, que sintetiza seu propósito:

Setembro chegou e com ele o mês da visibilidade bi! Bora falar sobre representatividade bissexual? Sou Talitta, estudante de Comunicação Social na UFRN e desenvolvo pesquisa sobre representação bissexual na mídia, mais especificamente nas telenovelas brasileiras. A ideia da página é externar algumas das minhas análises sobre as construções das sexualidades de personagens monodissidentes, mas também para ser um canal de propagação da nossa visibilidade. Espero que gostem <3

Já o segundo perfil que apresentamos é o @nao\_esoumafase ou *Não É Só Uma Fase*. Compreendemos que a própria escolha do nome carrega um propósito, pois traz uma crítica à desvalidação da bissexualidade pela ideia de que é uma fase, e portanto, apenas um momento passageira da sexualidade. Como uma das principais problemáticas em torno da bissexualidade a ideia de fase é tratada em diversos trabalhos acadêmicos como um estereótipo negativo que remete a apenas uma fase de experimentação, de sexualidade incompleta, ou ainda, de desejo em amadurecimento para conformar-se no padrão binário da sexualidade e tornar-se heterossexualidade ou homossexualidade (LEWIS, 2012; KLIDZIO, 2019).

Conforme descrito na biografia, o @nao\_esoumafase consiste em “três bissexuais abordando bissexualidade e outros assuntos lgbtqia+”. Portanto, diferentemente do primeiro, este perfil é construído por mais de uma pessoa cujos nomes de usuário de suas contas pessoas encontram-se identificadas no perfil. Nesse caso, não estava acessível a ocupação profissional das pessoas criadoras do perfil, mas destacando-se em relação aos outros dois, este tem um questionamento na biografia que diz “Conhece nosso canal no YouTube?” e logo abaixo está disponível um link que direciona a um canal no Youtube. Em comparação ao @binamidia no momento de nossa análise este perfil possuía maior número de publicações, que somavam 194. Assim, mesmo demorando um pouco mais, ao rolarmos a tela seja do smartphone ou do computador, é possível ir até a primeira publicação do perfil datada de 4 de Agosto de 2019.

Na descrição do perfil há uma frase de apresentação que diz “Não é só uma fase !!! Queremos dar visibilidade a sexualidades Não-mono,



vamos focar bastante em assuntos LGBTQ+”, visando dar a entender o objetivo buscado. Entendemos que a expressão “Não-mono” remete a sexualidades não monossexuais, ou seja, monodissidentes, como por exemplo, a bissexualidade e a pansexualidade. A partir disso, interpretamos que o perfil sugere a ideia de monodissidência como um conceito guarda-chuva para tratar daquelas sexualidades que são dissidentes da heteronormatividade e também da homossexualidade. Esse é um movimento comum que comunica a abordagem no ativismo e nas pesquisas acadêmicas onde o conceito de monodissidência e seus termos variados estão sendo cada vez mais utilizados para facilitar um diálogo de crítica ao binário hétero e homossexualidade como únicas possibilidades de sexualidade.

Por fim, trazemos o perfil @visibilidadebissexual, cujo nome consta como *Bissexualidade*. Dos três, este é o perfil mais antigo, com a primeira publicação datada de 23 de Março de 2019, no entanto é o que tem menor número de publicações e a pessoa que o idealizou não está identificável. As informações que constam na biografia apresentam o perfil como um “espaço de acolhimento e descobrimento sobre si” e de “informações sobre o universo bissexual”. Além disso, disponibiliza um e-mail para contato e traz a frase “NÃO A SOLIDÃO BISSEXUAL” como um apelo. Seu primeiro post traz as cores da bandeira bissexual de fundo e uma frase que remete a mesma ideia de fase presente no perfil @nao\_esoumafase, que se relaciona também com os estereótipos da indecisão da pessoa bissexual, ou de busca apenas por “pegação”. Este post tem uma legenda longa, que assim como nos outros dois perfis, é uma apresentação da pessoa idealizadora. Embora aqui a pessoa não esteja identificada, com o texto é possível nos aproximarmos de sua subjetividade e ao mesmo tempo do imaginário social sobre a bissexualidade. É possível, ainda relacionarmos com a ideia apresentada no perfil @nao\_esoumafase pois o texto fala sobre o processo de entender-se enquanto bissexual e em meio a isso ter interiorizado discursos bifóbicos e enfrentado violências nas tentativas de se assumir para outras pessoas.

Observamos que, desde os termos utilizados nos posts até em relação aos próprios nomes e biografias dos perfis, as pautas propostas a partir dos três se relacionam com dois principais eixos: críticas sobre invisibilidade e apagamento; busca pela promoção de representatividades a partir do que podemos chamar de criação de espaços bissexuais, que podem se configurar como espaços de socialização,

de acolhimento pela troca de experiências, ou de indicação de conteúdos de entretenimento e informação sobre esse universo. Os três perfis analisados dialogam com produções de *visibilidades* - no plural, pois existe uma fluidez entre pessoas e ambientes, onde não há uma (in)visibilidade da bissexualidade propriamente dita, e sim maiores e menores níveis de visibilidade.

Como parte de “repertórios de mobilização on-line” (NAZARÉ, 2012), a questão da invisibilidade bissexual (inclusive em relação a falta de dados sobre violências contra bissexuais ou dados de mapeamento da população), juntamente com temas como saúde mental de bissexuais e monodissidentes é uma das principais pautas no ativismo e nas pesquisas acadêmicas sobre a bissexualidade. A bifobia e o monossexismo são recorrentes dentro do cenário do ativismo junto aos diversos coletivos LGBTQIAP+, bem como em relação ao apagamento midiático e cotidiano da bissexualidade. Enquanto orientação sexual dissidente da heteronormatividade, a bissexualidade é, assim como outras sexualidades presentes na sigla LGBT, reivindicada enquanto identidade e movimento político (LEÃO, 2018). No entanto, a representação de pessoas bissexuais e de formas de viver a bissexualidade são nomeadas a partir do uso da palavra *bissexual* que ainda é pouco conhecida e comentada em relação às outras sexualidades LGBTQIAP+. Portanto, o conhecimento do termo ocupa um lugar especial e possibilita ver diferentes experiências, configurando-se como uma afirmativa de existência (CAVALCANTI, 2007). Sendo assim, o simples consumo de informações sobre ela pode funcionar como uma forma de acolhimento e reconhecimento, levando em consideração a diversidade de espectros de comportamentos e desejos presentes no universo bissexual.

Há mecanismos de apagamento que giram em torno de uma invisibilidade da bissexualidade quando, por exemplo, esta é desconsiderada como possibilidade, ou quando é alvo de um movimento de estereotipação, ao ser de certa forma visibilizada, porém julgada de maneira padronizada e negativa. Cabe nos perguntarmos: onde e para quem a bissexualidade se faz visível? Como é possível avançarmos no debate da invisibilidade, e inclusive, conceituá-la teoricamente? Isso tudo considerando a maior conectividade das relações sociais e também do ativismo, enquadrando práticas comunicativas e de produção de conteúdo na Internet, mais especificamente a partir de perfis no Instagram, como novas possibilidades de ativismo digital.

O antropólogo Tim Ingold (2008) em *Pare, Olhe, Escute!* e as antropólogas Ceres Karam Brum e Suzana Cavalheiro de Jesus (2015) em *Mito, diversidade cultural e educação notas sobre a invisibilidade guarani no Rio Grande do Sul e algumas estratégias nativas de superação*, trazem que a invisibilidade implica a ausência de percepção mútua, como se víssemos o outro, mas não fôssemos vistos. Seria como a indicação de uma falta de referência que dá margem, conseqüentemente, à produção de estereótipos, questão apontada por muitos trabalhos acadêmicos sobre bissexualidade (CAVALCANTI, 2007; LEWIS, 2012; SANTOS et al 2018; KLIDZIO, 2019). Portanto, pensando invisibilidade como uma certa ausência de reciprocidade, não ser visto ou não ser notado traz um distanciamento em relação a si mesmo e uma falta de referências sobre si e a ausência de uma noção de grupo. Configura-se uma “perda de consciência de si enquanto imagem/representação” (BRUM; JESUS, 2015, p. 203). Daí, apontamos a importância da criação de conteúdo crítico que mobiliza e comunica através das mídias digitais, construindo espaços bissexuais de acolhimento e afirmação.

Marcela P. B. de Nazaré (2012) fala dos usos e impactos da Internet como recurso de mobilização do movimento LGBT Brasileiro que, inclusive, é recorrentemente apresentado no texto pela autora como “movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais)”, sem citar bissexuais, mesmo trazendo a letra B na sigla. Infeliz coincidência ou não, isso remete ao apagamento bissexual em relação a consideração bissexual na participação política no movimento. Mas, a autora apresenta contribuições acerca da Internet enquanto ferramenta e ocupação por grupos LGBTs e feministas desde sua intensificação do uso, nos anos 1990, não como substituição mas como mudanças e continuidades (NAZARÉ, 2012).

Esses movimentos expandiram-se com o ativismo digital, seguindo seus objetivos e também reinventando formas de fazer de acordo com as possibilidades da comunicação mediada pelas tecnologias em rede para promover mobilizações de indivíduos e grupos. Um exemplo é a criação da Frente Bissexual Brasileira no último ano de 2020, a partir de encontros on-line na plataforma *Google Meet* entre pessoas de diferentes regiões do Brasil, pertencentes a coletivos políticos de mobilização ou ativistas independentes. Esta é a única organização bissexual a nível nacional em atividade e é integrada por ativistas bissexuais e monodissidentes em geral como, por exemplo, pessoas que se identificam como pansexuais. A Frente

Bissexual Brasileira realizou por meio da organização e do financiamento coletivo, o *Festival Bi+*, que ficou conhecido como o primeiro evento de celebração e discussão bissexual nacional, e que ocorreu em setembro, mês da visibilidade bissexual e foi transmitido ao vivo no Youtube.

Dessa forma, compreendendo as plataformas como ambientes (MONACO, 2020b; LEITÃO; GOMES, 2017) temos a produção de ativismos bissexuais em espaços diversos já existentes e a própria construção de novos espaços como continuação destes e para além da noção de lugar como espacialidade física. É importante relacionarmos as sociabilidades e o consumo on-line com o cotidiano não mediado pelas tecnologias, atentando para um *continuum* entre os contextos on-line e off-line, conforme destaca Richard Miskolci (2017) em sua pesquisa. Também o pesquisador Jair de S. Ramos (2015, p. 59) ao falar sobre a Internet como espaço social destaca que “o que é chamado um tanto equivocadamente de virtual – e o equívoco – reside na oposição entre real e virtual – é essa experiência de existir e agir em um espaço cuja matéria é informação”. O autor aponta a inadequação do termo *virtual* pois é limitado já que faz referência a uma oposição ao *real* quando na verdade há um entrelaçamento das relações sociais on e off-line, sendo difícil fazer essa distinção (RAMOS, 2015, p. 60).

Assim, há uma ampliação das sociabilidades, havendo a possibilidade de conexões em torno de pautas e comunidades, o que se relaciona com nosso cotidiano da vida social *prática* mediante o contínuo on/off-line. Em meio a isso, uma perspectiva crítica do consumo de conteúdo nas redes sociais e da própria noção de comunicação é pautada pela noção de capitalismo informacional (PARISER, 2012) onde nossa subjetividade é direcionada mediante relações de poder e controle do consumo a partir do comportamento. Jair de S. Ramos (2019) aponta a crítica sobre os algoritmos que permitem que plataformas digitais que formam a Web social (Facebook, Instagram, Twitter e YouTube, para ficar em alguns exemplos) atuem sobre nossas ações de consumo. Isso nos leva a um ponto importante a ser considerado: a não neutralidade das redes. Há uma atuação das chamadas bolhas algorítmicas que fazem com que sejamos, de certa forma, reféns do conteúdo que consumimos. Somos aprisionados em nossos interesses em uma zona que acabamos considerando de conforto, onde há personalização e fragmentação das informações (PARISER, 2012).

Isso se faz presente no uso das redes sociais e no consumo de informação através das mídias digitais conforme perfis com os quais interagimos no Instagram, por exemplo. No entanto, destacamos que o ativismo independente ou de coletivos, motivado por vivências cotidianas da sexualidade e a partir das (ou nas) mídias digitais não é totalmente negativado pelo algoritmo e pelas bolhas de conteúdo, pois o que pode interessar, muitas vezes, é justamente esta interação predominantemente entre os pares e em torno do mesmo conteúdo.

## Considerações finais

Observamos que as pautas propostas de comunicação sobre bissexualidade a partir dos três perfis analisados, possuem um diálogo entre si pelas suas posições críticas similares e os entendemos como formas de ativismo. Além disso, apontamos um ponto criativo de diálogos a partir da produção de conhecimento crítico e engajado de sujeitos e grupos nas produções de si a partir de suas narrativas nas mídias digitais. Isso dá-se circunscrito em uma bolha, onde é possível pensarmos o papel da internet nas articulações nacionais, olhando para sociabilidades e agenciamentos técnicos. Podemos, ainda, refletir sobre os diferentes usos das mídias e redes sociais digitais na produção do conhecimento e nas mais diversas formas de ativismo.

Temos um cenário onde a produção de conteúdo a partir de perfis no Instagram (considerando também um espalhamento para outras plataformas) com a ideia de criação de ambientes de visibilidades bissexuais, vai para além do entretenimento. Sendo fonte de informações que buscam conscientizar, mas que, no entanto, não chegam a todo mundo, e sim a quem tem interesse prévio ou semelhante à pauta da bissexualidade. Cabe uma problematização da própria mecânica de difusão das postagens no Instagram, pois da maneira como funciona, geralmente só é possível atingir um maior público investindo financeiramente para a plataforma divulgar cada postagem ou impulsionar o perfil.

## Agradecimentos

Agradecemos à Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH) pela realização da edição on-line do X Congresso internacional de diversidade sexual, étnico-racial e de gênero (CINABEH),

que teve como tema “Políticas da vida: coproduções de saberes e resistências”, e que neste ano de 2021, em meio às consequências da pandemia de covid-19 e principalmente da negligência governamental, nos proporcionou momentos de discussão e de vitalidade de uma variedade de temas de pesquisa de diferentes áreas das Ciências Sociais e Humanas. Agradecemos também, às pessoas coordenadoras do Simpósio Temático “Movimentos Sociais, Academia e A(r)tivismos”: Thiago Coacci (UFMG), Regina Facchini (UNICAMP), Mário Carvalho (UERJ) e Adriana Salles (SEDUC/MT), em especial ao professor Thiago Coacci e à professora Regina Facchini pela coordenação da tarde de discussões e pelas considerações acerca deste trabalho; bem como, às demais pessoas que compartilharam temas de pesquisa e trouxeram valiosas contribuições. Por fim, agradecemos às pessoas idealizadoras e administradoras dos perfis @binamidia, @nao\_esoumafase pela atenção e apoio a este trabalho. E ao perfil @visibilidadebissexual com o qual não conseguimos contato mas que também colocou na rede questões importantes sobre a bissexualidade.

## Referências

BRUM, Ceres K.; JESUS, Suzana C. de. Mito, diversidade cultural e educação. **Horizontes Antropológicos**, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/horizontes/1020> Acesso em: 15 maio. 2021.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. 1a ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CAVALCANTI, Camila Dias. **Visíveis e invisíveis**: Práticas e identidade bissexual. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Centro de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9574/1/arquivo9196\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9574/1/arquivo9196_1.pdf) Acesso em: 15 maio. 2021.

CHENEY-LIPPOLD, John. A New Algorithmic Identity. **Theory, Culture & Society**, v. 28, n. 6, p. 164–181, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0263276411424420> Acesso em: 24 maio 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. **Ponto Urbe**, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1925> Acesso em: 15 maio. 2021.

JAEGER, Melissa Bittencourt. **Experiência de minas bissexuais: políticas identitárias e processos de marginalização**. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205732> Acesso em: 15 maio 2021.

KLIDZIO, Danieli. **“Será que realmente existe isso?”: Reflexões acerca da bissexualidade e da pansexualidade femininas**. 2019, 64 f. Monografia (curso de Licenciatura em Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19897/Klidzio\\_Danieli\\_2019\\_TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19897/Klidzio_Danieli_2019_TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 15 maio. 2021.

LEÃO, Maria. **Os unicórnios no fim do arco-íris: bissexualidade feminina, identidades e política no Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais**. 2018, 117 f. Dissertação (mestrado em Saúde Coletiva) Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-909618> Acesso em: 15 maio. 2021.

LEITÃO, Débora K; GOMES, Laura G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, n. 42, 1 sem. 2017, p. 41-65. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/12043> Acesso em: 15 maio. 2021.

LEWIS, Elizabeth Sara. **“Não é uma fase”**: Construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 2012. 267 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=20671@1> Acesso em: 15 maio. 2021.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MONACO, Helena M. Acolhimento como ativismo: ações de um coletivo bissexual na criação de espaços “monodissidentes.” **Simbiótica. Revista Eletrônica**, v. 7, n. 3, jul.-dez., p. 228–251, 2020a. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/33701> Acesso em: 15 maio. 2021.

MONACO, Helena M. Quem cala consente? Ambientes digitais e suas implicações para a pesquisa antropológica. **Cadernos de Campo**, v. 29, n. 2, p. 1-19, 2020b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/175295> Acesso em: 15 maio. 2021.

NAZARÉ, Marcela P. B. de. As mídias digitais e seus usos pelo movimento LGBT brasileiro. In: X Seminário de Ciências Sociais - Tecendo diálogos sobre a pesquisa social, Maringá/PR. **Anais... Maringá/PR**: Universidade Estadual de Maringá, 2012. p. 246-262. Disponível em: [http://www.dcs.uem.br/xseminario/artigos\\_resumos/gt3/x\\_seminarios\\_gt3-a2.pdf](http://www.dcs.uem.br/xseminario/artigos_resumos/gt3/x_seminarios_gt3-a2.pdf) Acesso em: 15 maio. 2021.

PARISER, Eli. **O Filtro Invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RAMOS, Jair de Souza. Machines among the crowd: on the political effects of algorithmic production of social currents. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 16, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vb/a/cdnRbM4TmrSvpSMQwGtYb9f/?lang=en>. Acesso em: 15 maio 2021.

RAMOS, Jair de Souza. Subjetivação e poder no ciberespaço. Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. **Vivência: revista de antropologia**, v. 1, n. 45, 2015 Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/8251> Acesso em: 15 maio. 2021.

SANTOS, Cinthya G. C. O. dos; AVITAL, Natasha; BERNARDES, Santiago de P.; FERREIRA, W. T. R. Da invisibilidade ao reconhecimento. **BIS: Boletim do Instituto de Saúde**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 77-85, 2018.



Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/index.php/bis/article/view/34594>. Acesso em: 15 maio 2021.

VAN DIJCK, José. **La Cultura de la Conectividad**: una história crítica de las redes sociales. Buenos Aries: Siglo Veintiuno, 2016.